

INTERFACES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DOS ESTUDOS SOBRE ESCOLAS PÚBLICAS DO CAMPO: RELATO DE UMA TRAJETÓRIA DE REFLEXÕES

Resultado de Pesquisa

Rosangela Cristina Rosinski Lima¹

Resumo

Objetiva-se com o presente trabalho relatar a trajetória de estudos realizados no contexto das atividades de pesquisa do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná, e enquanto partícipe do NUPECAMP. Ressaltam-se os aspectos que oportunizaram reflexões fundamentais relacionadas à educação do campo na interface com as questões ambientais. Trata-se de pesquisa bibliográfica cujas análises propiciadas, além de necessárias para a tessitura da produção acadêmica, remetem à necessidade de maiores aprofundamentos teórico-reflexivos, sinalizando possíveis continuidades.

Palavras-chave: Educação Ambiental; escolas públicas do campo

INICIANDO A CAMINHADA DE ESTUDOS

Este trabalho tem como principal objetivo socializar algumas reflexões possíveis a partir da inserção da autora no curso de Doutorado em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná, linha de pesquisa: Práticas Pedagógicas: elementos articuladores, bem como na participação nas discussões do NUPECAMP (Núcleo de Pesquisa em Educação do Campo, Movimentos Sociais e Práticas Pedagógicas), que resultarão na Tese que se pretende defender em 2018 vindouro.

Inicialmente é importante ressaltar que essa aproximação com a Educação do Campo não é recente, pois resulta da inserção da autora desde 1999 em projetos tais como o PRONERA². Além disso, as interfaces com a Educação Ambiental foram propiciadas pela afinidade da pesquisadora

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná; professora da Rede Municipal de Ensino de São José dos Pinhais, Paraná.

² O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA foi criado em 1998, a partir da mobilização dos movimentos sociais, em particular do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST; tendo como principal proposta alfabetizar e elevar o grau de escolaridade de jovens e adultos de assentamentos da reforma agrária.

com temáticas relacionadas ao ensino de conceitos afetos à área de Ciências, desde a produção de sua Dissertação de Mestrado.³

Pensar a educação do campo requer o entendê-la de forma contextualizada, considerando-a no bojo das lutas políticas em defesa da escola pública de qualidade e cuja identidade é própria e necessita ser (re)conhecida. Nessa direção MUNARIM (2010) aponta para a constituição do movimento sociopolítico e de renovação pedagógica que surgiu a partir de experiências formativas, entidades da sociedade civil, universidades e da organização de programas em que a concepção de Educação do Campo se constituiu, no contexto de luta. Luta esta apontada por MOLINA e SÁ (2012) que é engendrada no âmago dos movimentos sociais camponeses que reivindicam terra e educação e que, portanto, exige um novo conceito de escola, identificada com um novo projeto de sociedade, solidária, justa e fraterna.

Ressalta-se que a produção teórico-reflexiva da Educação do Campo, está sendo construída coletivamente, seja pelos próprios sujeitos do campo que analisam as histórias vivenciadas, as lutas, conquistas e perdas, seja por pesquisadores cuja sensibilidade e vinculação aos movimentos sociais os qualifica para não apenas “falar de”, mas “falar com” os sujeitos do campo. Nessa direção é que essa trajetória de estudos procurou se pautar, ou seja, valorizando e destacando a *práxis* que ocorre no território camponês, vinculando-a à defesa do ambiente saudável, preocupado com aspectos socioambientais e que fortaleça a agricultura familiar camponesa, via de regra isenta de agrotóxicos e livre de transgênicos.

ONDE ESSE CAMINHO METODOLÓGICO PODE LEVAR?

Fazendo parte do ambiente educativo da escola, as questões ambientais são inquietantes e urge discuti-las, estudá-las, explicitando-as, problematizando a respeito.

Nesse sentido, destaca ROSA (2011, p.8):

Ao considerar o processo de institucionalização da Educação Ambiental na política educacional brasileira, embora eivado de desafios a serem superados, é no espaço da modalidade educativa não-formal onde de forma privilegiada ocorrem as práticas educativas de conteúdo sócio-ambiental da Educação Ambiental na escola. Na modalidade educativa não-formal fora dos muros da escola registram-se múltiplas e variadas práticas sociais de conteúdo sócio-ambientais desenvolvidas nos espaços comunitários pela sociedade civil. Tais

³ Defendida em 1995 na Unicamp sob o título: *AIDS e ensino: possibilidades* (LIMA, 1995)

práticas acontecem no campo dos direitos, da participação, da cidadania, dos movimentos sociais, na busca pela sustentabilidade e qualidade de vida na cidade. Sendo este, também, o território onde se desenvolve a Educação Ambiental, enquanto prática educativa de conteúdo sócio ambiental.

As preocupações ambientais, se constituem, portanto, em desafio na construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo, destacando o papel estratégico e decisivo do educador no cotidiano escolar, ao buscar qualificar o aluno diante da crise socioambiental na perspectiva de transformação de hábitos, práticas sociais e construção de uma “cidadania” ambiental.

Acredita-se que o aporte teórico utilizado propicia aprofundamento dos estudos relacionados aos aspectos socioambientais, necessário ao entendimento do enfoque no contexto da educação do campo. Nessa direção, ASSIS (2000,p.33) ao abordar as bases para o desenvolvimento sustentável, afirma que:[...]*É fundamental adotar uma política científica e tecnológica adequada ao nosso estágio de desenvolvimento e ao novo modelo de desenvolvimento ecologicamente sustentável.* Nesse escopo, há que se valorizar a luta que os povos do campo, (sejam eles: assentados, acampados, quilombolas, faxinalenses, atingidos por barreiras, ribeirinhos, dentre outros), estão enfrentando no cotidiano adverso e cuja resistência é mais do que pela sobrevivência, é pela própria vida, que é almejada em um ambiente saudável, onde as famílias possam produzir e serem respeitadas em suas diversidades culturais.

UMA TRILHA QUE DEVE PROSSEGUIR

No que concerne aos aspectos socioambientais relacionados à Educação do Campo, há que se retomar os estudos com maior profundidade, o que se propõe na continuidade do Curso. Dessa forma, não trazendo certezas permanentes, mas sim dúvidas provisórias, este estudo aponta para a transitoriedade do saber científico, para a constatação do caminho que se faz caminhando.

Algumas das constatações que já podem ser apontadas neste trabalho se referem à urgência no fortalecimento de políticas públicas que priorizem a Educação Ambiental não somente como algo formal, instituída nos currículos escolares, senão com a visibilidade necessária para que faça parte do cotidiano das escolas públicas. E nesse contexto, as escolas do campo têm muito a contribuir, pois ensinam, produzem e socializam conhecimentos que objetivam olhar para o coletivo, para a sustentabilidade ambiental, para o respeito à natureza, à terra e aos seus sujeitos, individuais e coletivos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, José Chacon de. **Brasil 21: uma nova ética para o desenvolvimento**. 5^a. ed. Rio de Janeiro: CREA-RJ,2000..

LIMA, Rosangela Cristina Rosinski. **AIDS e ensino: possibilidades**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação – Campinas, UNICAMP,1995. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/list.php?tid=27>> Acesso em 20.nov.2016

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ,L.M. Escola do campo. In CALDART, R.S. (*et al*) **FRIGOTTO(orgs.) Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012

MUNARIM, Antônio. Educação do campo: desafios teóricos e práticos. In:

MUNARIM, A; BELTRAME, S; CONDE, S.F. e PEIXER, Z. (orgs.) **Educação do Campo: reflexões e perspectivas**. Florianópolis: Ed. Insular, 2010.

ROSA, Maria Arlete. **Educação: a prática educativa de sustentabilidade na cidade**. Disponível em: <<http://www.revista.unisal.br>>Acesso em 28.09.15